



Um breve panorama da população gaúcha com foco nos indicadores de mortalidade — 2000-2024

Marilene Dias Bandeira*

1 Introdução

A população do Rio Grande do Sul estava estimada em 11.229.915 em 2024, o que representa um aumento de 9,4%, ou de mais de 960 mil pessoas, em relação ao ano de 2000. A estrutura por faixa etária revela que, nesse período, houve um decréscimo de 676.327 pessoas entre a população menor de 15 anos, cuja participação sobre a população total caiu de 25,9% para 17,7%. Por outro lado, a população com 60 anos ou mais duplicou no período, pois teve seu contingente acrescido em 1.224.663 indivíduos e sua participação sobre o total elevada de 10,6% para 20,6%. A faixa etária de 15 a 59 anos manteve seu percentual praticamente estável, pois passou de 63,5% para 61,7% o que representou um incremento de 412.092 pessoas no período (Tabela 1).

Tabela 1

Distribuição da população por faixa etária no Rio Grande do Sul — 2000 e 2024

FAIXA ETÁRIA	POPULAÇÃO			PERCENTUAL	
	2000	2024	2024-2000	2000	2024
0 a 14 anos	2.663.607	1.987.280	-676.327	25,9	17,7
15 a 59 anos	6.516.158	6.928.250	412.092	63,5	61,7
60 anos ou mais	1.089.722	2.314.385	1.224.663	10,6	20,6
TOTAL	10.269.487	11.229.915	960.428	100,0	100,0

Fonte dos dados brutos: IBGE (2024).

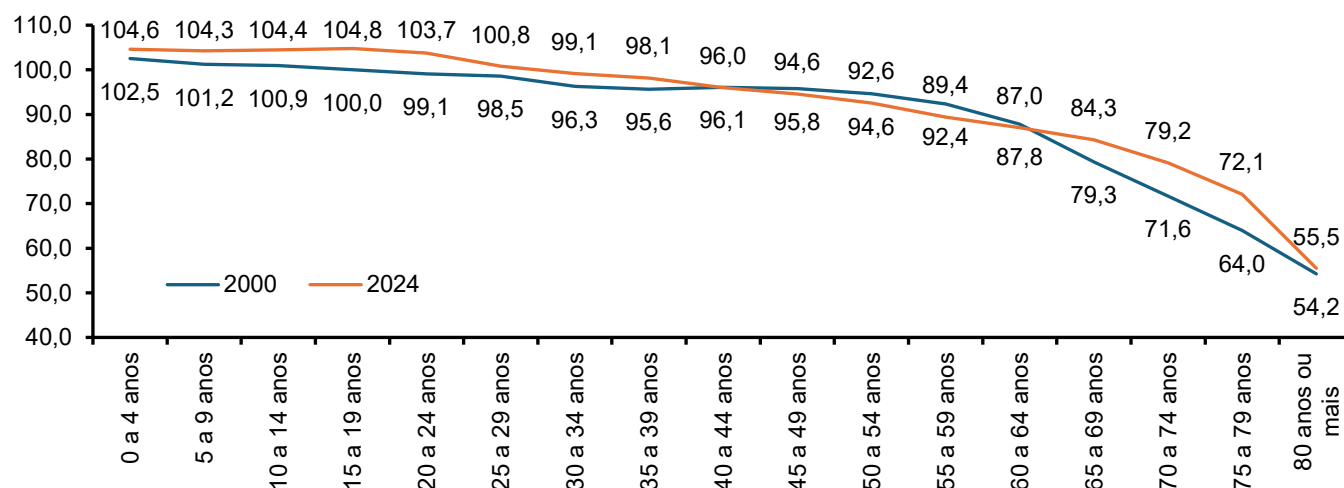
A estrutura por sexo e idade, no estado, em 2024, indica que, ao nascer e nas primeiras faixas etárias, há um predomínio de homens: há cerca de 105 homens para cada 100 mulheres, indicador conhecido como razão de sexo. Esse indicador vai decrescendo com o aumento da idade, permanecendo acima de 100 até a faixa etária de 25 a 29 anos. A partir daí, segue abaixo desse nível e continua declinando até alcançar o valor de 56 homens para cada 100 mulheres na faixa etária de 80 anos ou mais. Nota-se que, em 2000, esse indicador já foi menor que 100 a partir da faixa etária de 20 a 24 anos e que, apenas nas idades de 40 a 64 anos, os indicadores de 2000 são superiores aos de 2024. De fato, em todas as outras faixas etárias consideradas, a razão de sexo aumentou na comparação entre os dois anos e apresentou os maiores incrementos nas idades compreendidas entre 65 e 79 anos (Gráfico 1).

* Servidora do Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (SPGG).
E-mail: marilene-bandeira@planejamento.rs.gov.br



Gráfico 1

Razão de sexo no Rio Grande do Sul — 2000 e 2024

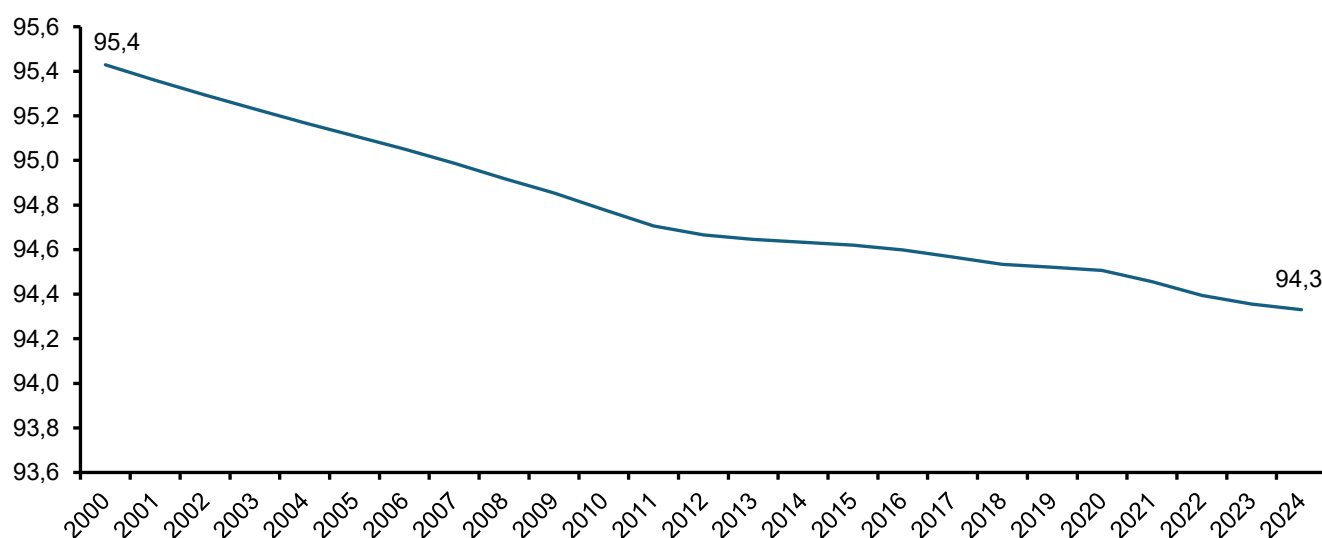


Fonte dos dados brutos: IBGE (2024).

A análise da razão de sexo da população gaúcha no período indica que os aumentos desse indicador, nas faixas etárias mencionadas anteriormente, não foram suficientes para deter a tendência de queda, pois passou de 95,4 homens para cada 100 mulheres em 2000 para 94,3 em 2024 (Gráfico 2).

Gráfico 2

Razão de sexo no Rio Grande do Sul — 2000-24



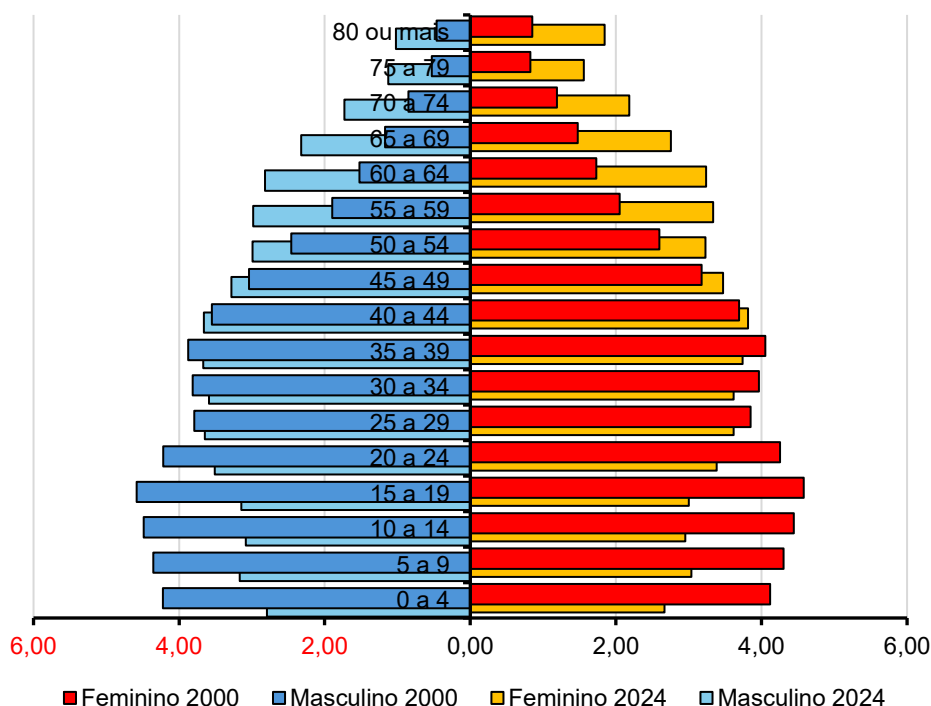
Fonte dos dados brutos: IBGE (2024).

A análise da estrutura por idade e sexo da população do estado para os anos de 2000 e 2024 evidencia o envelhecimento populacional representado pelo estreitamento da base da pirâmide entre esses dois anos e mostra também o predomínio feminino nas idades mais avançadas, conforme já foi indicado anteriormente na análise da razão de sexo por faixa etária. Além disso, fica evidente que o formato de pirâmide está dando lugar a uma forma mais retangular (Gráfico 3).



Gráfico 3

Pirâmide etária do Rio Grande do Sul — 2000 e 2024



Fonte dos dados brutos: IBGE (2024).

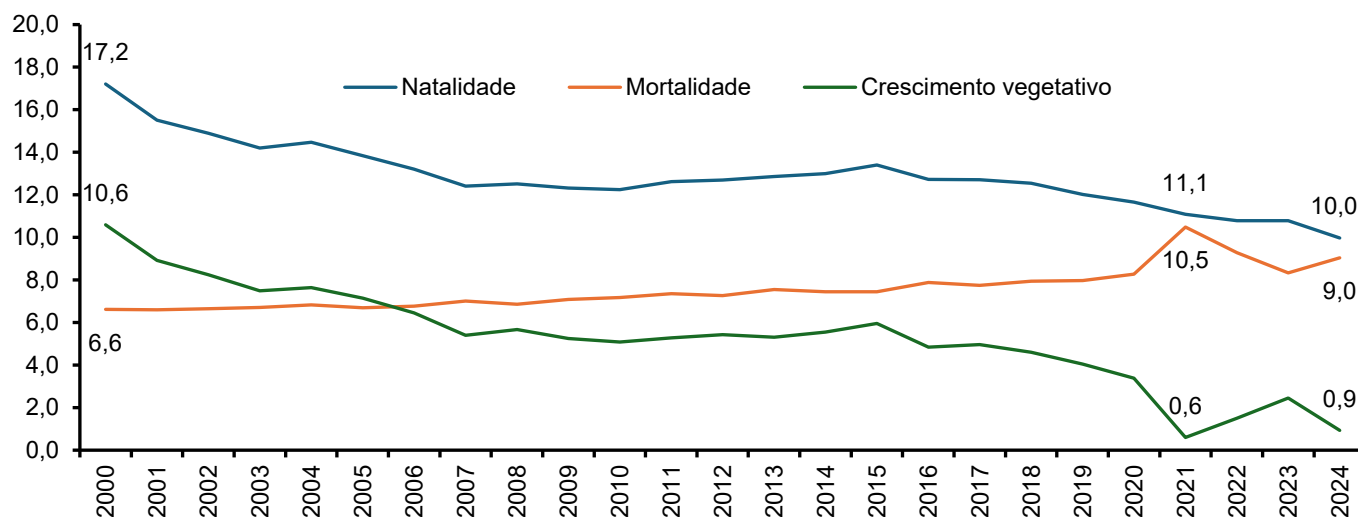
Por fim, cabe destacar a evolução da taxa de crescimento vegetativo¹, que caiu de 10,6 em 2000 para 0,9 por mil habitantes em 2024, uma vez que a taxa bruta de mortalidade aumentou de 6,6 para 9,0 por mil, enquanto a taxa bruta de natalidade caiu de 17,2 para 10,0. Destaca-se também que, em 2021, o crescimento vegetativo assumiu o menor patamar da série analisada, de apenas 0,6 por mil habitantes, tendo em vista que permaneceu a tendência de queda da natalidade e houve um aumento expressivo da mortalidade, naquele ano, atrelado à pandemia de COVID-19 (Gráfico 4).

¹ Taxa de crescimento vegetativo é a diferença entre a taxa de natalidade (nascimentos) e a taxa de mortalidade (mortes) de uma população em um determinado período, também chamada taxa de crescimento natural, não incluídos os movimentos migratórios.



Gráfico 4

Taxas brutas de natalidade, de mortalidade e de crescimento vegetativo, por mil habitantes, no Rio Grande do Sul — 2000-24



Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).

2 Mortalidade

Em 2024, foram registrados 101.480 óbitos no estado, segundo o portal Datasus, com praticamente um quarto deles ligados a doenças do aparelho circulatório. Neoplasias representaram a segunda causa de morte dos gaúchos e foram responsáveis por 21,1% dos óbitos. Em terceiro lugar, ficaram as doenças do aparelho respiratório, com 12,1% do total. Causas externas — óbitos devido a causas violentas, como homicídio, suicídio, acidente de transporte, etc. — figuraram em quarto lugar, sendo responsáveis por 8,1% das mortes. Nota-se que, entre os sexos, há um diferencial no ranqueamento, pois, por exemplo, as causas externas são a quarta causa de óbito entre os homens (11,2%), enquanto, entre as mulheres, esse grupo ocupa a sexta posição (4,6%). Outro fato marcante é a queda de importância dos óbitos por doenças infecciosas e parasitárias, que chegaram a ser a principal causa de morte em 2021, basicamente devido à pandemia de COVID-19, quando apresentou uma taxa de mortalidade de 276,3 por 100 mil. Em 2024, essa causa passou a ocupar a sétima posição, apresentando uma taxa de 42,5 por 100 mil. Destaca-se também a evolução da taxa de mortalidade devido a neoplasias, que aumentou quase 50% no período, passando de 127,4 por mil em 2000 para 190,6 por mil em 2024 (Tabela 2 e Gráfico 5).



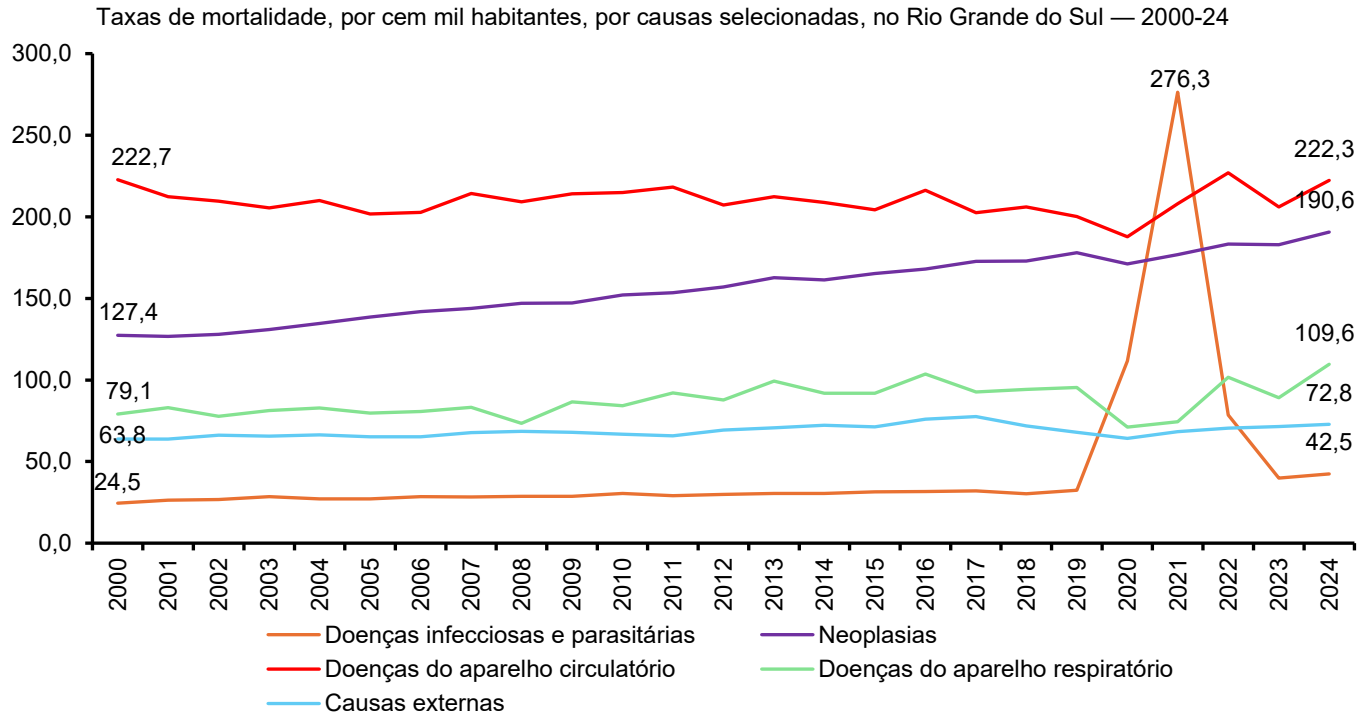
Tabela 2

Mortalidade proporcional e ordenamento das principais causas de morte, segundo os capítulos da Classificação Internacional de Doenças (CID-10), para ambos os sexos e por sexo, no Rio Grande do Sul — 2024

CAPÍTULOS DA CID-10	AMBOS OS SEXOS		MASCULINO		FEMININO	
	%	Posição	%	Posição	%	Posição
Doenças do aparelho circulatório	24,6	1. ^a	23,9	1. ^a	25,3	1. ^a
Neoplasias	21,1	2. ^a	21,2	2. ^a	21,0	2. ^a
Doenças do aparelho respiratório	12,1	3. ^a	11,5	3. ^a	12,8	3. ^a
Causas externas	8,1	4. ^a	11,2	4. ^a	4,6	6. ^a
Doenças endócrinas nutricionais e metabólicas	6,6	5. ^a	6,0	5. ^a	7,4	5. ^a
Doenças do sistema nervoso	6,2	6. ^a	4,5	8. ^a	8,0	4. ^a
Doenças infecciosas e parasitárias	4,7	7. ^a	4,9	6. ^a	4,5	7. ^a
Doenças do aparelho digestivo	4,5	8. ^a	4,8	7. ^a	4,3	8. ^a
Causas mal definidas	4,2	9. ^a	4,4	9. ^a	4,0	10. ^a
Doenças do aparelho geniturinário	3,7	10. ^a	3,3	10. ^a	4,2	9. ^a
Demais capítulos	4,1	-	4,4	-	3,8	-
TOTAL	100,0	-	100,0	-	100,0	-

Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).

Gráfico 5



Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).

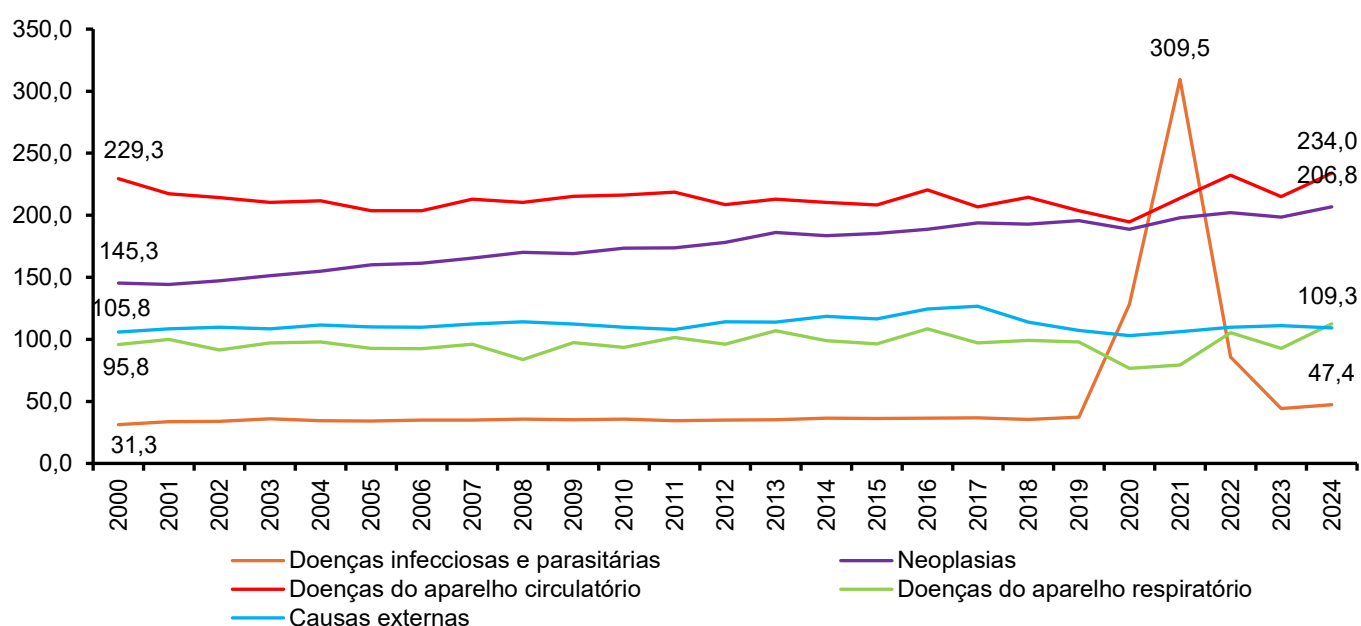
Os Gráficos 6 e 7 abaixo, que apresentam a evolução das taxas de mortalidade pelas principais causas no período de 2000 a 2024, permitem uma análise mais detalhada por sexo. A taxa de mortalidade por doenças do aparelho circulatório apresenta uma leve tendência de queda para ambos os sexos até 2020, ano em que atingiu o menor valor da série. Por outro lado, as neoplasias mostram crescimento no período, com aumento de 42,2% para os homens e 59,1% para as mulheres. Os óbitos por causas externas cresceram muito mais entre as mulheres (62,3%) do que entre os homens (3,3%). Ressalta-se que a incidência dessa categoria é quase três vezes maior entre os homens, que apresentaram uma taxa de 109,3 por 100 mil em comparação com a de 38,3 observada para o sexo feminino. O grande destaque



da série analisada foi o aumento da mortalidade devido a doenças infecciosas e parasitárias para ambos os sexos em 2020, 2021 e, em menor escala, 2022. Para os homens, a taxa passou de 31,3 por 100 mil em 2000 para 309,5 em 2021, quando alcançou o mais alto valor da série, no auge da pandemia de COVID-19, sendo a primeira causa de morte naquele ano, mas, em 2024, caiu para 47,4 por 100 mil. Para o sexo feminino, também ocorreu esse comportamento, pois passou de 18,0 por 100 mil em 2000 para 244,8 em 2021; em 2024, decresceu para 37,8.

Gráfico 6

Taxas de mortalidade, por cem mil habitantes, por causas seleccionadas, no sexo masculino, no Rio Grande do Sul — 2000-24

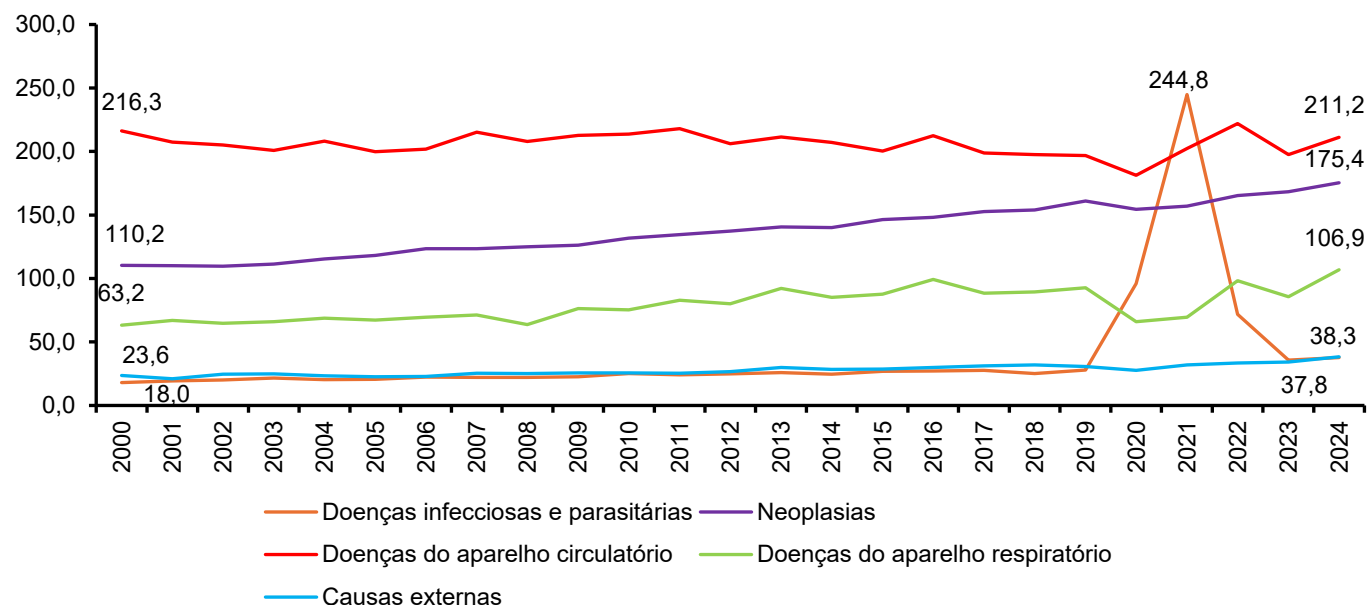


Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).



Gráfico 7

Taxas de mortalidade, por cem mil habitantes, por causas seleccionadas, no sexo feminino, no Rio Grande do Sul — 2000-24



Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).

A análise da mortalidade no estado, em 2024, por faixa etária, indica que os óbitos por causas externas ocupam a primeira posição como causa de morte entre a população de 1 a 4 anos até aqueles com idade inferior a 50 anos. A partir dessa faixa etária até a população de 60 a 69 anos, neoplasias assumem a liderança. Após os 70 anos de idade, as doenças do aparelho circulatório passam a ocupar o primeiro lugar. Nota-se também que mortes por doenças infecciosas e parasitárias, que tiveram grande importância nos anos anteriores, agora apenas se alternam entre a terceira e a quarta causa de mortalidade entre as idades de 10 a 49 anos. Para a população menor de um ano, as causas perinatais são responsáveis por mais de 50% dos óbitos. A malformação congênita figura como a segunda causa de morte nessa faixa etária, com quase 30% dos casos. Causas externas e doenças do aparelho respiratório são as que parecem a seguir, com 5,3% e 3,5% dos óbitos nessa faixa etária, respectivamente (Quadro 1).



Quadro 1

Mortalidade proporcional, pelas principais causas, no Rio Grande do Sul — 2024

FAIXA ETÁRIA	1.ª POSIÇÃO	2.ª POSIÇÃO	3.ª POSIÇÃO	4.ª POSIÇÃO
Menor de um ano	Causas perinatais 54,1%	Malformação congênita 28,6%	Causas externas 5,3%	Doenças do aparelho respiratório 3,5%
De 1 a 4 anos	Causas externas 26,6%	Malformação congênita 19,3%	Doenças do aparelho respiratório 15,1%	Doenças do sistema nervoso 10,1%
De 5 a 9 anos	Causas externas 20,3%	Neoplasias 18,1%	Doenças do sistema nervoso 13,8%	Doenças do aparelho respiratório e malformação congênita 10,1%
De 10 a 14 anos	Causas externas 32,9%	Neoplasias 14,3%	Doenças do sistema nervoso 12,4	Doenças infecciosas e parasitárias e doenças do aparelho respiratório 6,8%
De 15 a 19 anos	Causas externas 67,4%	Neoplasias 6,5%	Doenças do sistema nervoso 4,7%	Doenças infecciosas e parasitárias 3,8%
De 20 a 29 anos	Causas externas 61,1%	Neoplasias 7,8%	Doenças infecciosas e parasitárias 6,5%	Doenças do sistema nervoso 4,0%
De 30 a 39 anos	Causas externas 39,7%	Neoplasias 14,9%	Doenças infecciosas e parasitárias 10,4%	Doenças do aparelho circulatório 9,4%
De 40 a 49 anos	Causas externas 22,3%	Neoplasias 21,9%	Doenças do aparelho circulatório 15,3%	Doenças infecciosas e parasitárias 10,0%
De 50 a 59 anos	Neoplasias 27,8%	Doenças do aparelho circulatório 21,0%	Causas externas 10,8%	Doenças do aparelho respiratório 7,8%
De 60 a 69 anos	Neoplasias 30,0%	Doenças do aparelho circulatório 24,1%	Doenças do aparelho respiratório 11,2%	Doenças endócrinas e metabólicas 7,1%
De 70 a 79 anos	Doenças do aparelho circulatório 27,5%	Neoplasias 25,1%	Doenças do aparelho respiratório 12,8%	Doenças endócrinas e metabólicas 7,7%
80 anos e mais	Doenças do aparelho circulatório 28,9%	Doenças do aparelho respiratório 15,9%	Neoplasias 13,9%	Doenças do sistema nervoso 11,2%
Todas as idades	Doenças do aparelho circulatório 24,6%	Neoplasias 21,1%	Doenças do aparelho respiratório 12,1%	Causas externas 8,0%

2.1 Tábuas de mortalidade

De acordo com Carvalho (1994), o cálculo da **esperança de vida** (ou **expectativa de vida**) é feito por meio das chamadas **tábuas de mortalidade** ou **tabelas de sobrevivência**. Existem dois métodos principais para construí-las:

- Coorte real: acompanha-se uma geração de pessoas nascidas no mesmo ano até que todos tenham falecido, registrando o tempo de vida de cada indivíduo. Esse processo exige registros históricos extensos e confiáveis de óbitos.
- Coorte hipotética: cria-se um grupo fictício de recém-nascidos, que é submetido às taxas de mortalidade observadas em uma população real em determinado período. Esse método não reflete uma geração específica, mas a experiência de mortalidade de várias gerações.



Nesse segundo caso, pode-se imaginar uma **população estacionária**, em que o número de nascimentos é sempre igual ao de óbitos, mantendo-se constante ao longo do tempo, e é esse o método que é utilizado no presente estudo.

As tábuas de mortalidade permitem calcular a expectativa de vida e comparar diferentes populações. Ao contrário das taxas brutas de mortalidade, a expectativa de vida não depende da estrutura etária, mas apenas da intensidade da mortalidade. Para o cálculo das tábuas de mortalidade do estado, foram utilizadas as populações projetadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com base nos dados do Censo Demográfico de 2022 (IBGE, 2026) e os óbitos obtidos no portal Datasus (Brasil, 2026).

A estimativa da expectativa de vida ao nascer, no estado, foi de 73,51 anos no triênio 2000-2002 e aumentou para 76,70 em 2018-2020, o que representa um acréscimo de 3,19 anos. Após esse período, houve uma queda nos dois triênios seguintes, quando passou a ser de 75,58 em 2019-2021 e de 75,21 anos em 2020-2022, seguida de um leve aumento em 2021-2023, quando foi de 75,40 anos — mesmo patamar que já tinha sido alcançado em 2010-2012. No último período considerado, 2022-2024, houve um acréscimo de mais de um ano na comparação com o triênio anterior, tendo atingido a marca de 76,49 anos. Os movimentos desse indicador, de queda e tendência de recuperação dos seus níveis, são devidos, em grande parte, aos óbitos em decorrência da pandemia de COVID-19, cujos reflexos se mostraram intensos, principalmente em 2020 e 2021. Em 2022, a influência dessa causa de morte foi bem menor. Para os homens, o aumento da expectativa de vida ao nascer foi maior, de 3,69 anos, pois passou de 69,53 em 2000-2002 para 73,22 em 2018-2020. Nos dois triênios seguintes, houve diminuição e passou a ser de 72,19 e de 71,88 anos. Em 2021-2023, houve aumento novamente e registrou 72,13 anos. No último período considerado (2022-2024), o incremento foi de mais de um ano, e a expectativa de vida foi estimada em 73,30 anos. Entre as mulheres, evoluiu de 77,56 para 80,14 em 2018-2020, tendo um acréscimo de 2,58 anos. Em 2019-2021 e 2020-2022, também registrou queda, quando foi para 78,98 e 78,54 respectivamente. Em 2021-2023, apresentou um leve aumento, registrando 78,66 anos. Em 2022-2024, houve um incremento um pouco inferior a um ano, pois passou a ser de 79,63 anos. A diferença das expectativas de vida ao nascer entre os sexos apresenta uma tendência de queda — era de aproximadamente 8,03 anos em 2000-2002 e alcança o menor valor da série no último período considerado, quando registra 6,33 anos a mais entre as mulheres em comparação com os homens (Tabela 3 e Gráfico 8).



Tabela 3

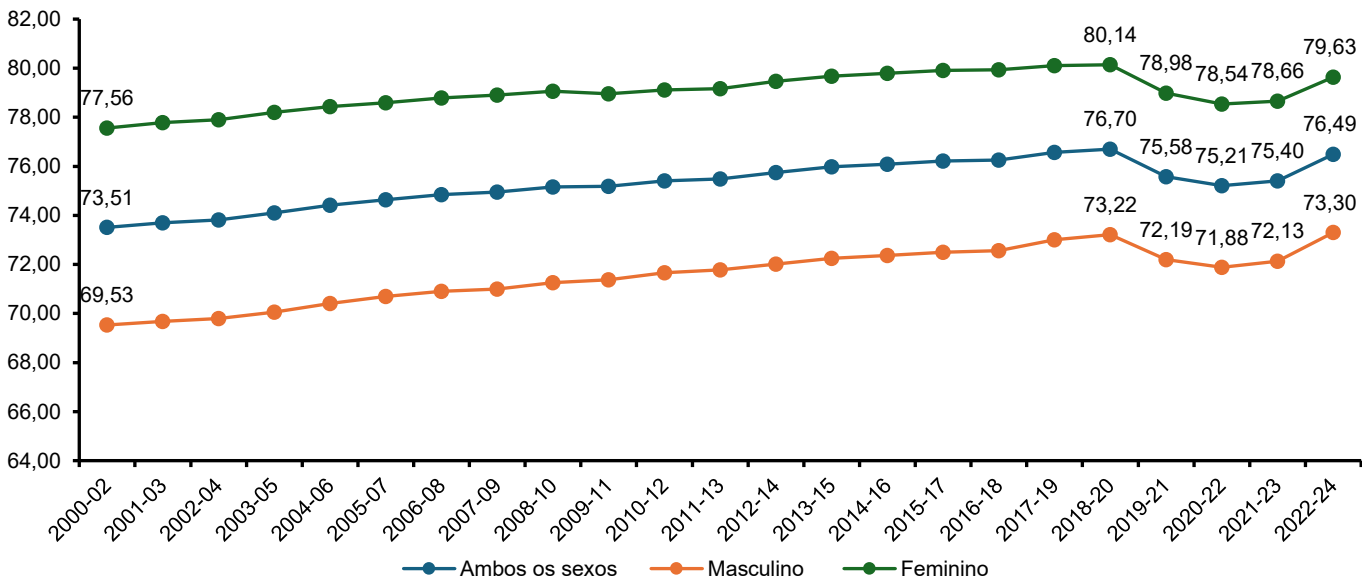
Expectativas de vida ao nascer, em anos, para ambos os sexos e por sexo,
no Rio Grande do Sul — 2000-24

PERÍODO	AMBOS OS SEXOS	MASCULINO	FEMININO	DIFERENÇA FEMININO-MASCULINO
2000-02	73,51	69,53	77,56	8,03
2001-03	73,70	69,68	77,78	8,10
2002-04	73,81	69,79	77,90	8,11
2003-05	74,10	70,05	78,20	8,15
2004-06	74,41	70,41	78,43	8,02
2005-07	74,64	70,69	78,59	7,90
2006-08	74,84	70,90	78,79	7,89
2007-09	74,95	71,00	78,90	7,90
2008-10	75,16	71,26	79,06	7,80
2009-11	75,18	71,38	78,95	7,57
2010-12	75,40	71,66	79,11	7,45
2011-13	75,49	71,78	79,16	7,38
2012-14	75,75	72,01	79,47	7,46
2013-15	75,98	72,25	79,68	7,43
2014-16	76,09	72,36	79,79	7,43
2015-17	76,21	72,49	79,91	7,42
2016-18	76,26	72,56	79,94	7,38
2017-19	76,57	73,00	80,11	7,11
2018-20	76,70	73,22	80,14	6,92
2019-21	75,58	72,19	78,98	6,79
2020-22	75,21	71,88	78,54	6,66
2021-23	75,40	72,13	78,66	6,53
2022-24	76,49	73,30	79,63	6,33

Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).

Gráfico 8

Expectativas de vida ao nascer, em anos, para ambos os sexos e por sexo, no Rio Grande do Sul — 2000-24

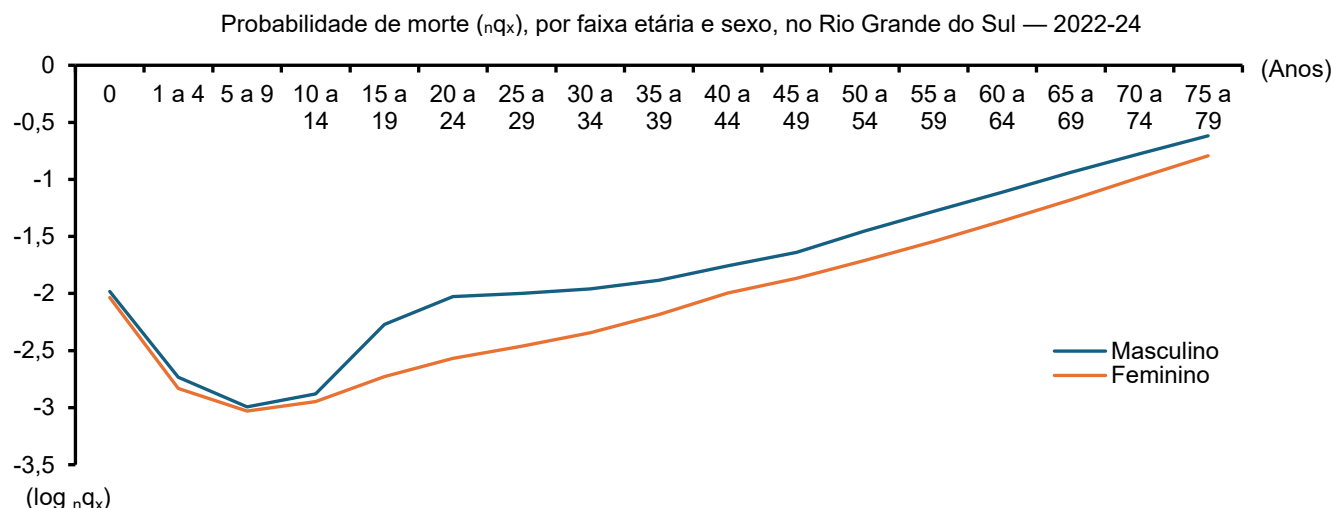


Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).



O Gráfico 9 apresenta mais um indicador proveniente das tábuas de mortalidade: a probabilidade de morte segundo idade e sexo. Nota-se o grande diferencial entre as probabilidades de morte por sexo e faixa etária, indicando a alta sobremortalidade masculina, especialmente nas idades jovens, em que os óbitos por causas externas apresentam grande incidência entre os homens. Em nenhuma faixa etária, a probabilidade de morte feminina supera a masculina.

Gráfico 9



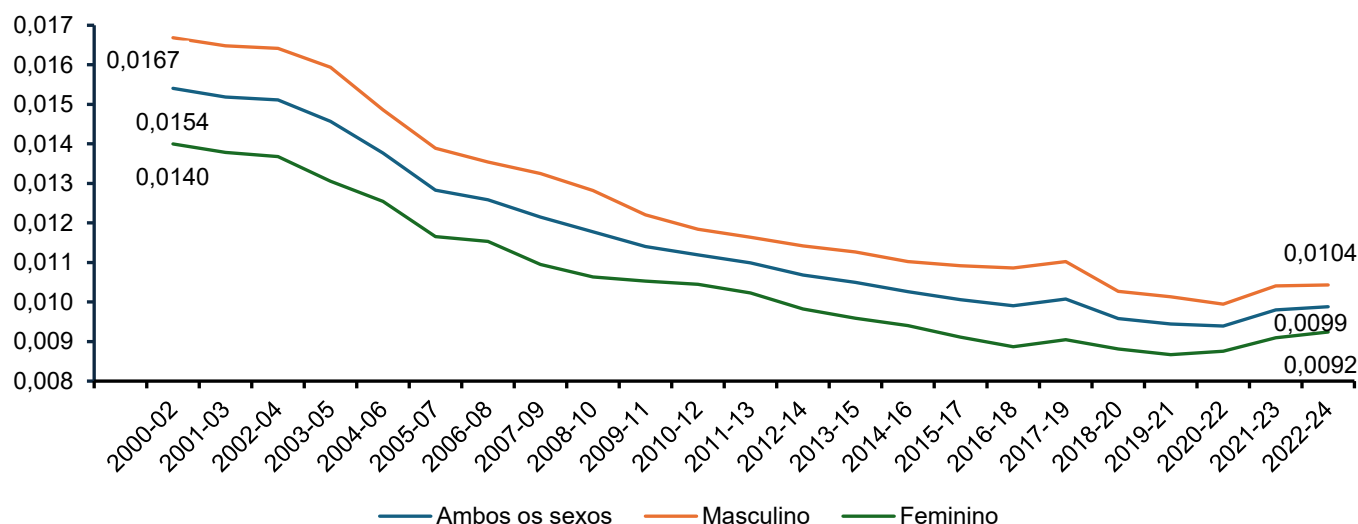
Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).

Adicionalmente, esse indicador revela-se também importante quando é analisada a probabilidade de morte antes de um ano de idade, que apresentou tendência de queda, evoluindo de 0,0154 em 2000-2002 para 0,0098 em 2021-2023. Contudo, em 2022-2024, houve um pequeno aumento dessa probabilidade, que passou para 0,0099. Pode-se inferir que esse aumento está relacionado às enchentes de 2024, que, entre outras consequências, afetaram o correto acompanhamento pré-natal das gestantes e ocasionaram uma precariedade de saneamento básico, aumentando o risco de infecções intestinais e respiratórias. Esse indicador segue sendo superior entre o sexo masculino, alcançando o valor de 0,0104 comparado com o de 0,0092 entre o sexo feminino em 2022-2024 (Gráfico 10).



Gráfico 10

Probabilidade de morte antes de um ano de vida, para ambos os sexos e por sexo, no Rio Grande do Sul — 2000-24



Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).

Com a utilização de tábuas de múltiplo decremento, cuja metodologia foi explicada em estudos anteriores (Bandeira, 2007; 2016, 2020a, 2020b), é possível realizar simulações sobre como seria a expectativa de vida ao nascer e a mortalidade se os óbitos por determinadas causas pudessem ser excluídos. Essa técnica permite avaliar os anos de vida perdidos, principalmente pelas causas que ocorrem entre a população mais jovem. A seguir, são apresentados os resultados da expectativa de vida total e com a aplicação dessa técnica para estimar os efeitos dos óbitos por causas externas, por doenças do aparelho circulatório, por neoplasias, por doenças infecciosas e parasitárias e por doenças do aparelho respiratório na expectativa de vida ao nascer, no Rio Grande do Sul, em diferentes períodos.

Se os óbitos por causas externas fossem excluídos, a expectativa de vida ao nascer dos gaúchos em 2022-2024 teria um acréscimo de 1,60 anos, alterando de 76,49 para 78,09 anos. A diferença é bem mais significativa entre a população masculina, 2,43 anos, uma vez que a incidência dos óbitos precoces por causas externas ocorre mais nesse segmento populacional. Para as mulheres, o incremento seria de 0,63 anos (Tabela 4 e Gráficos 11 e 12).



Tabela 4

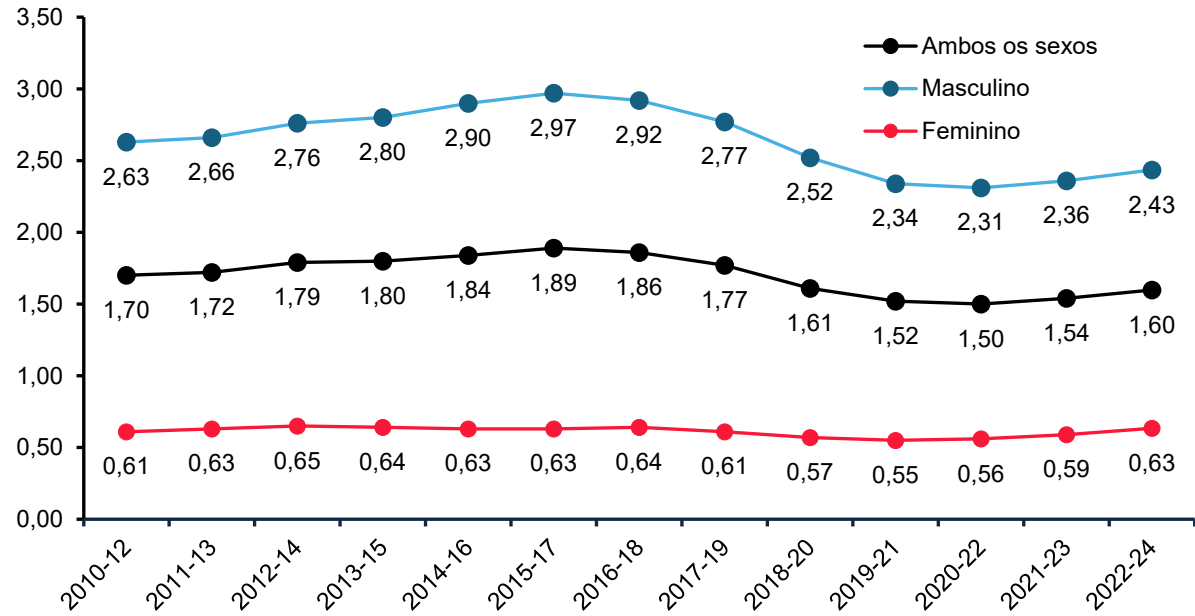
Expectativas de vida ao nascer, em anos, totais e excluindo óbitos por causas externas,
para ambos os sexos e por sexo, no Rio Grande do Sul — 2010-24

PERÍODO	AMBOS OS SEXOS	MASCULINO	FEMININO	EXCLUINDO CAUSAS EXTERNAS			DIFERENÇA		
				Ambos os sexos	Masculino	Feminino	Ambos os sexos	Masculino	Feminino
2010-12	75,40	71,66	79,11	77,10	74,29	79,72	1,70	2,63	0,61
2011-13	75,49	71,78	79,16	77,21	74,44	79,79	1,72	2,66	0,63
2012-14	75,75	72,01	79,47	77,54	74,77	80,12	1,79	2,76	0,65
2013-15	75,98	72,25	79,68	77,78	75,05	80,32	1,80	2,80	0,64
2014-16	76,09	72,36	79,79	77,93	75,26	80,42	1,84	2,90	0,63
2015-17	76,21	72,49	79,91	78,10	75,46	80,54	1,89	2,97	0,63
2016-18	76,26	72,56	79,94	78,12	75,48	80,58	1,86	2,92	0,64
2017-19	76,57	73,00	80,11	78,34	75,77	80,72	1,77	2,77	0,61
2018-20	76,70	73,22	80,14	78,31	75,74	80,71	1,61	2,52	0,57
2019-21	75,58	72,19	78,98	77,10	74,53	79,53	1,52	2,34	0,55
2020-22	75,21	71,88	78,54	76,71	74,19	79,10	1,50	2,31	0,56
2021-23	75,40	72,13	78,66	76,94	74,49	79,25	1,54	2,36	0,59
2022-24	76,49	73,30	79,63	78,09	75,73	80,26	1,60	2,43	0,63

Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).

Gráfico 11

Diferenças entre as expectativas de vida ao nascer, em anos, com e sem óbitos por causas externas,
para ambos os sexos e por sexo, no Rio Grande do Sul — 2010-24

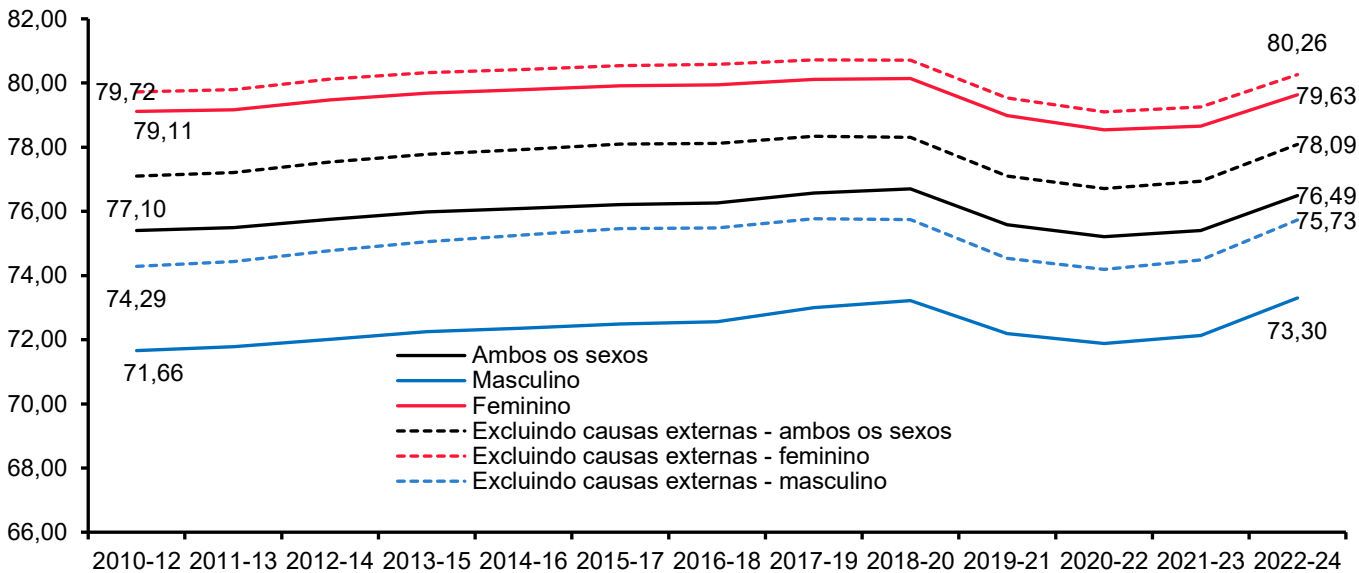


Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).



Gráfico 12

Expectativas de vida ao nascer, em anos, com e sem óbitos por causas externas, para ambos os sexos e por sexo, no Rio Grande do Sul — 2010-24



Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).

A eliminação de óbitos por doenças do aparelho circulatório como a principal causa de mortalidade, aumentaria a expectativa de vida em 1,95 anos no período 2022-2024, com diferença de 2,18 para os homens e de 1,65 para as mulheres. Nota-se uma tendência de queda nas diferenças ao longo do período analisado, apesar de haver um pequeno aumento nos dois últimos períodos (Tabela 5 e Gráficos 13 e 14).

Tabela 5

Expectativas de vida ao nascer, em anos, totais e excluindo doenças do aparelho circulatório, para ambos os sexos e por sexo, no Rio Grande do Sul — 2010-24

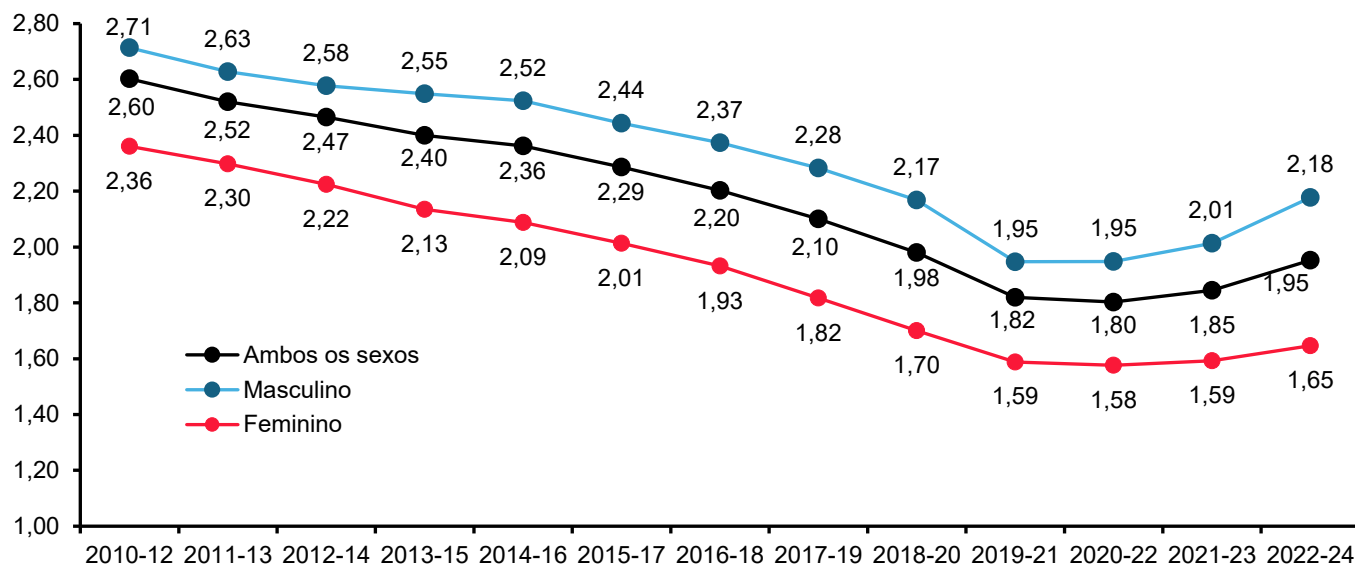
PERÍODO	AMBOS OS SEXOS	MASCULINO	FEMININO	EXCLUINDO DOENÇAS DO APARELHO CIRCULATÓRIO			DIFERENÇA		
				Ambos os sexos	Masculino	Feminino	Ambos os Sexos	Masculino	Feminino
2010-12	75,40	71,66	79,11	78,00	74,37	81,47	2,60	2,71	2,36
2011-13	75,49	71,78	79,16	78,01	74,41	81,46	2,52	2,63	2,30
2012-14	75,75	72,01	79,47	78,22	74,59	81,69	2,47	2,58	2,22
2013-15	75,98	72,25	79,68	78,38	74,80	81,81	2,40	2,55	2,13
2014-16	76,09	72,36	79,79	78,45	74,88	81,88	2,36	2,52	2,09
2015-17	76,21	72,49	79,91	78,50	74,93	81,92	2,29	2,44	2,01
2016-18	76,26	72,56	79,94	78,46	74,93	81,87	2,20	2,37	1,93
2017-19	76,57	73,00	80,11	78,67	75,28	81,93	2,10	2,28	1,82
2018-20	76,70	73,22	80,14	78,68	75,39	81,84	1,98	2,17	1,70
2019-21	75,58	72,19	78,98	77,40	74,14	80,57	1,82	1,95	1,59
2020-22	75,21	71,88	78,54	77,01	73,83	80,12	1,80	1,95	1,58
2021-23	75,40	72,13	78,66	77,25	74,14	80,25	1,85	2,01	1,59
2022-24	76,49	73,30	79,63	78,44	75,48	81,28	1,95	2,18	1,65

Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).



Gráfico 13

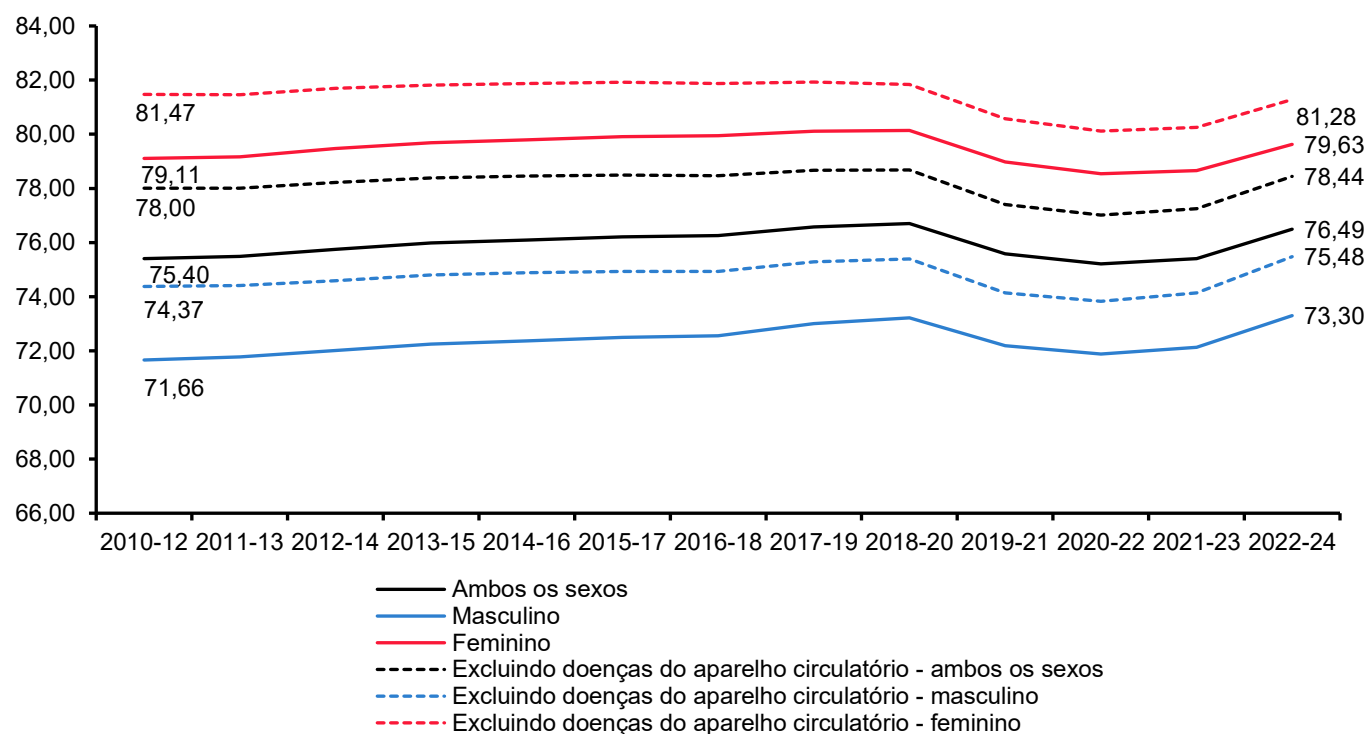
Diferenças entre as expectativas de vida ao nascer, em anos, com e sem óbitos por doenças do aparelho circulatório, para ambos os sexos e por sexo, no Rio Grande do Sul — 2010-24



Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).

Gráfico 14

Expectativas de vida ao nascer, em anos, com e sem óbitos por doenças do aparelho circulatório, para ambos os sexos e por sexo, no Rio Grande do Sul — 2010-24



Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).



A exclusão dos óbitos por neoplasias no período 2022-2024 acarretaria um aumento de 2,28 anos na expectativa de vida ao nascer dos gaúchos, apresentando uma diferença semelhante entre homens e mulheres, de 2,23 e 2,28 anos respectivamente (Tabela 6 e Gráficos 16 e 17). O movimento recente de aumento das diferenças da expectativa de vida após a eliminação de mortes por essa causa pode estar indicando uma diminuição da idade em que ocorre o óbito entre a população gaúcha.

Tabela 6

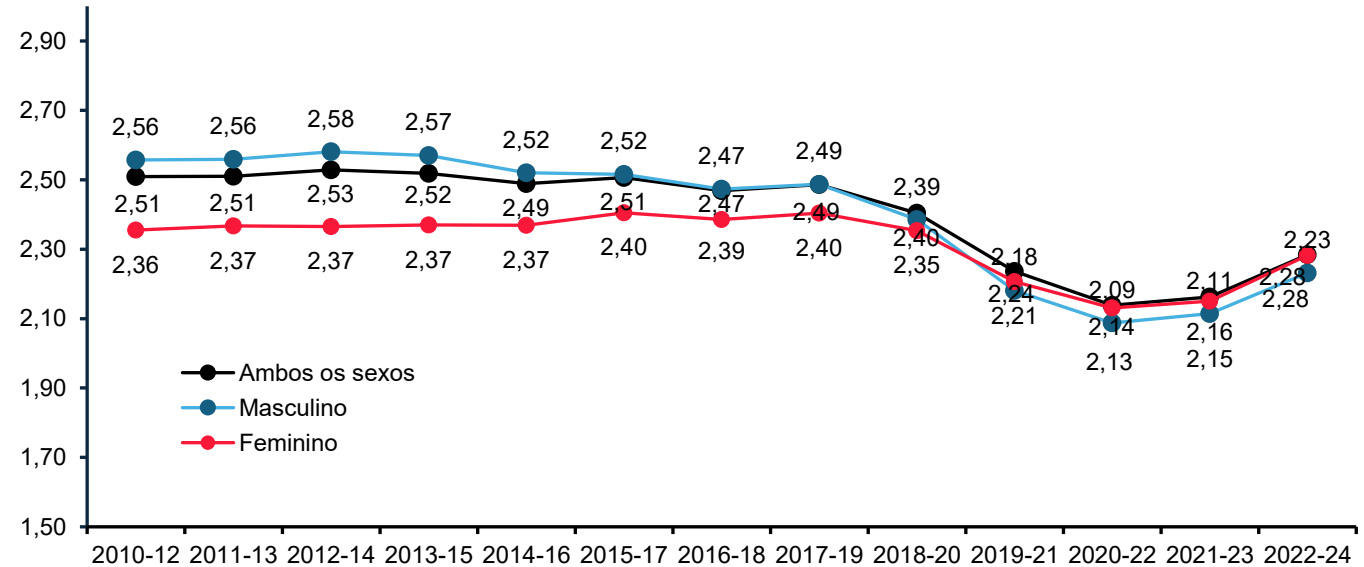
Expectativas de vida ao nascer, em anos, totais e excluindo neoplasias, para ambos os sexos e por sexo, no Rio Grande do Sul — 2010-24

PERÍODO	AMBOS OS SEXOS	MASCULINO	FEMININO	EXCLUINDO NEOPLASIAS			DIFERENÇA		
				Ambos os Sexos	Masculino	Feminino	Ambos os Sexos	Masculino	Feminino
2010-12	75,40	71,66	79,11	77,91	74,22	81,47	2,51	2,56	2,36
2011-13	75,49	71,78	79,16	78,00	74,34	81,53	2,51	2,56	2,37
2012-14	75,75	72,01	79,47	78,28	74,59	81,84	2,53	2,58	2,37
2013-15	75,98	72,25	79,68	78,50	74,82	82,05	2,52	2,57	2,37
2014-16	76,09	72,36	79,79	78,58	74,88	82,16	2,49	2,52	2,37
2015-17	76,21	72,49	79,91	78,72	75,01	82,31	2,51	2,52	2,40
2016-18	76,26	72,56	79,94	78,73	75,03	82,33	2,47	2,47	2,39
2017-19	76,57	73,00	80,11	79,06	75,49	82,51	2,49	2,49	2,40
2018-20	76,70	73,22	80,14	79,10	75,61	82,49	2,40	2,39	2,35
2019-21	75,58	72,19	78,98	77,82	74,37	81,19	2,24	2,18	2,21
2020-22	75,21	71,88	78,54	77,35	73,97	80,67	2,14	2,09	2,13
2021-23	75,40	72,13	78,66	77,56	74,24	80,81	2,16	2,11	2,15
2022-24	76,49	73,30	79,63	78,77	75,53	81,91	2,28	2,23	2,28

Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).

Gráfico 15

Diferenças entre as expectativas de vida ao nascer, em anos, com e sem óbitos por neoplasias, para ambos os sexos e por sexo, no Rio Grande do Sul — 2010-24

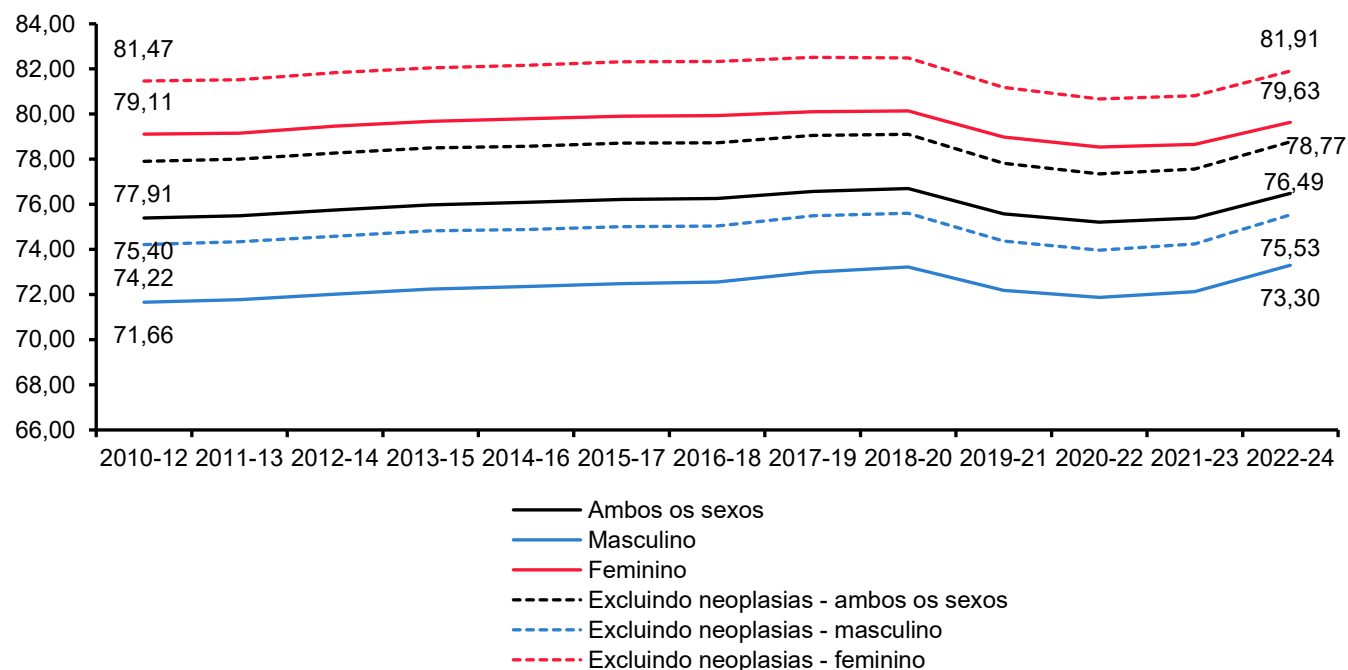


Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).



Gráfico 16

Expectativas de vida ao nascer, em anos, com e sem óbitos por neoplasias, para ambos os sexos e por sexo, no Rio Grande do Sul — 2010-24



Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).

A exclusão de doenças infecciosas e parasitárias, que passaram a ocupar posição de destaque entre as principais causas de mortalidade no período 2020-2021 devido aos óbitos causados pela pandemia de COVID-19, indica que o acréscimo na expectativa de vida ao nascer seria de 1,69 anos em 2021-2023, valor já inferior aos dos períodos 2019-2021 e 2020-2022, que foram de 1,90 e 1,96 anos respectivamente, mas ainda duas vezes maior que o de 2018-2020, cuja diferença era de 0,82 anos. No último período analisado, as diferenças caem bastante e já estão um pouco mais próximas dos valores encontrados no período anterior à pandemia, sendo de 0,67 anos para a população total, de 0,73 para os homens e de 0,57 para as mulheres (Tabela 7 e Gráficos 18 e 19).



Tabela 7

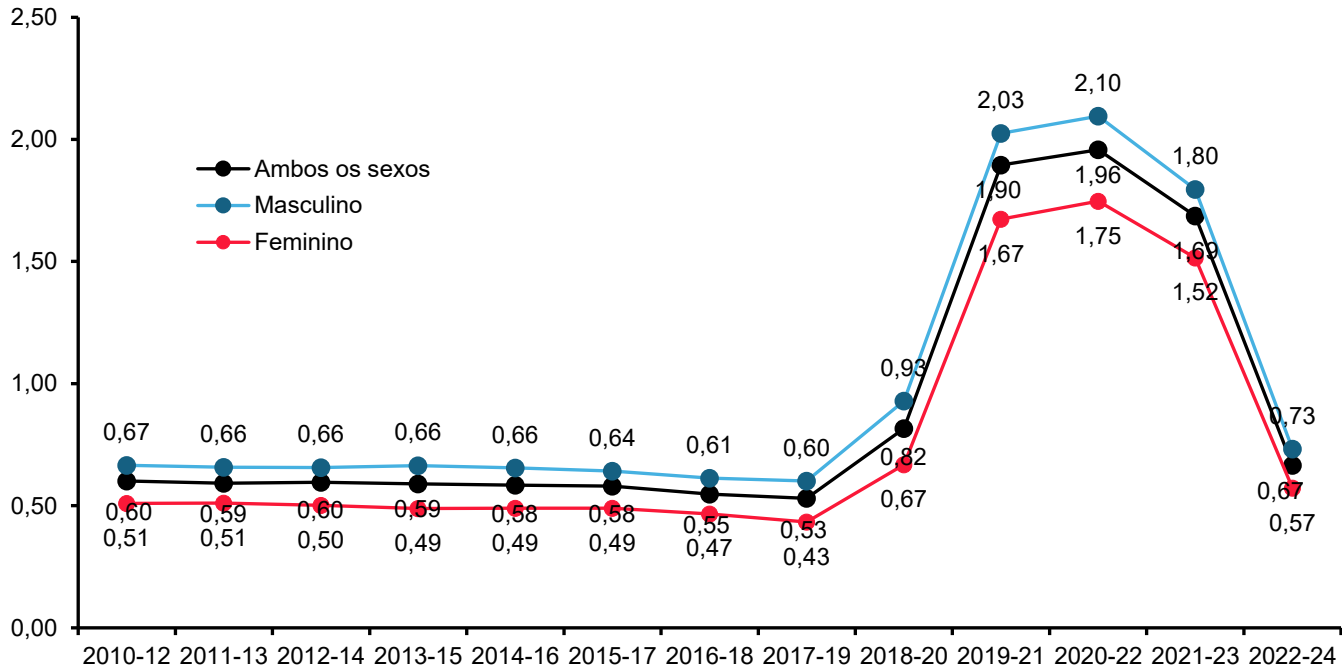
Expectativas de vida ao nascer, em anos, totais e excluindo óbitos por doenças infecciosas e parasitárias, para ambos os sexos e por sexo, no Rio Grande do Sul — 2010-24

PERÍODO	AMBOS OS SEXOS	MASCULINO	FEMININO	EXCLUINDO DOENÇAS INFECCIOSAS E PARASITÁRIAS			DIFERENÇA		
				Ambos os Sexos	Masculino	Feminino	Ambos os Sexos	Masculino	Feminino
2010-12	75,40	71,66	79,11	76,00	72,33	79,62	0,60	0,67	0,51
2011-13	75,49	71,78	79,16	76,08	72,44	79,67	0,59	0,66	0,51
2012-14	75,75	72,01	79,47	76,35	72,67	79,97	0,60	0,66	0,50
2013-15	75,98	72,25	79,68	76,57	72,91	80,17	0,59	0,66	0,49
2014-16	76,09	72,36	79,79	76,67	73,02	80,28	0,58	0,66	0,49
2015-17	76,21	72,49	79,91	76,79	73,13	80,40	0,58	0,64	0,49
2016-18	76,26	72,56	79,94	76,81	73,17	80,41	0,55	0,61	0,47
2017-19	76,57	73,00	80,11	77,10	73,60	80,54	0,53	0,60	0,43
2018-20	76,70	73,22	80,14	77,52	74,15	80,81	0,82	0,93	0,67
2019-21	75,58	72,19	78,98	77,48	74,22	80,65	1,90	2,03	1,67
2020-22	75,21	71,88	78,54	77,17	73,98	80,29	1,96	2,10	1,75
2021-23	75,40	72,13	78,66	77,09	73,93	80,18	1,69	1,80	1,52
2022-24	76,49	73,30	79,63	77,16	74,03	80,20	0,67	0,73	0,57

Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).

Gráfico 17

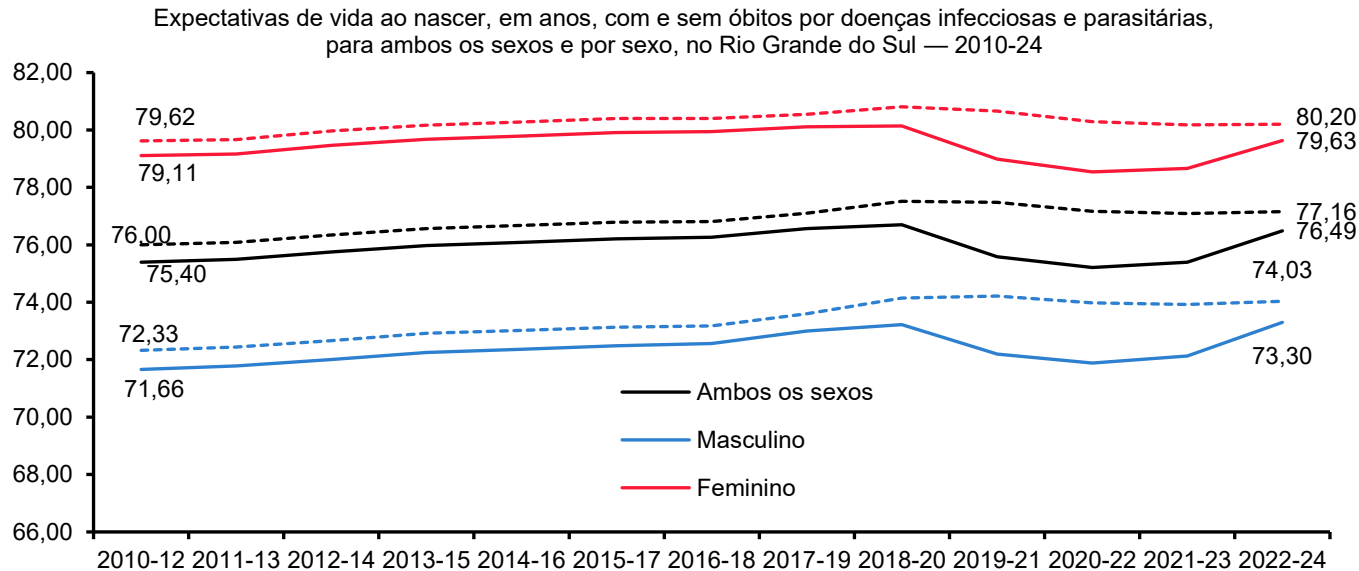
Diferenças entre as expectativas de vida ao nascer, em anos, com e sem óbitos por doenças infecciosas e parasitárias, para ambos os sexos e por sexo, no Rio Grande do Sul — 2010-24



Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).



Gráfico 18



Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).

Se as doenças do aparelho respiratório fossem eliminadas, aumentaria a expectativa de vida ao nascer em 0,82 anos para a população gaúcha em 2022-2024, sendo de 0,84 para os homens e de 0,77 para as mulheres. Ao longo da série analisada, há uma tendência de diminuição dessa diferença, e, nos dois últimos períodos analisados, um aumento (Tabela 8 e Gráficos 19 e 20).

Tabela 8

Expectativas de vida ao nascer, em anos, totais e excluindo doenças respiratórias, para ambos os sexos e por sexo, no Rio Grande do Sul — 2010-24

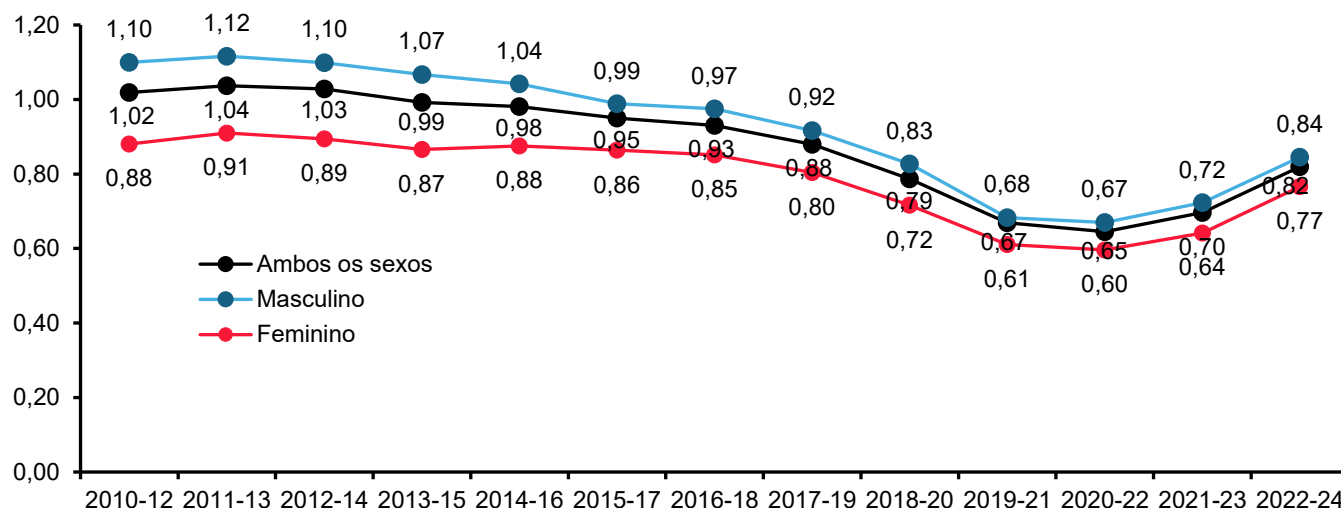
PERÍODO	AMBOS OS SEXOS	MASCULINO	FEMININO	EXCLUINDO DOENÇAS RESPIRATÓRIAS			DIFERENÇA		
				Ambos os Sexos	Masculino	Feminino	Ambos os Sexos	Masculino	Feminino
2010-12	75,40	71,66	79,11	76,42	72,76	79,99	1,02	1,10	0,88
2011-13	75,49	71,78	79,16	76,53	72,90	80,07	1,04	1,12	0,91
2012-14	75,75	72,01	79,47	76,78	73,11	80,36	1,03	1,10	0,89
2013-15	75,98	72,25	79,68	76,97	73,32	80,55	0,99	1,07	0,87
2014-16	76,09	72,36	79,79	77,07	73,40	80,67	0,98	1,04	0,88
2015-17	76,21	72,49	79,91	77,16	73,48	80,77	0,95	0,99	0,86
2016-18	76,26	72,56	79,94	77,19	73,53	80,79	0,93	0,97	0,85
2017-19	76,57	73,00	80,11	77,45	73,92	80,91	0,88	0,92	0,80
2018-20	76,70	73,22	80,14	77,49	74,05	80,86	0,79	0,83	0,72
2019-21	75,58	72,19	78,98	76,25	72,87	79,59	0,67	0,68	0,61
2020-22	75,21	71,88	78,54	75,86	72,55	79,14	0,65	0,67	0,60
2021-23	75,40	72,13	78,66	76,10	72,85	79,30	0,70	0,72	0,64
2022-24	76,49	73,30	79,63	77,31	74,14	80,40	0,82	0,84	0,77

Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).



Gráfico 19

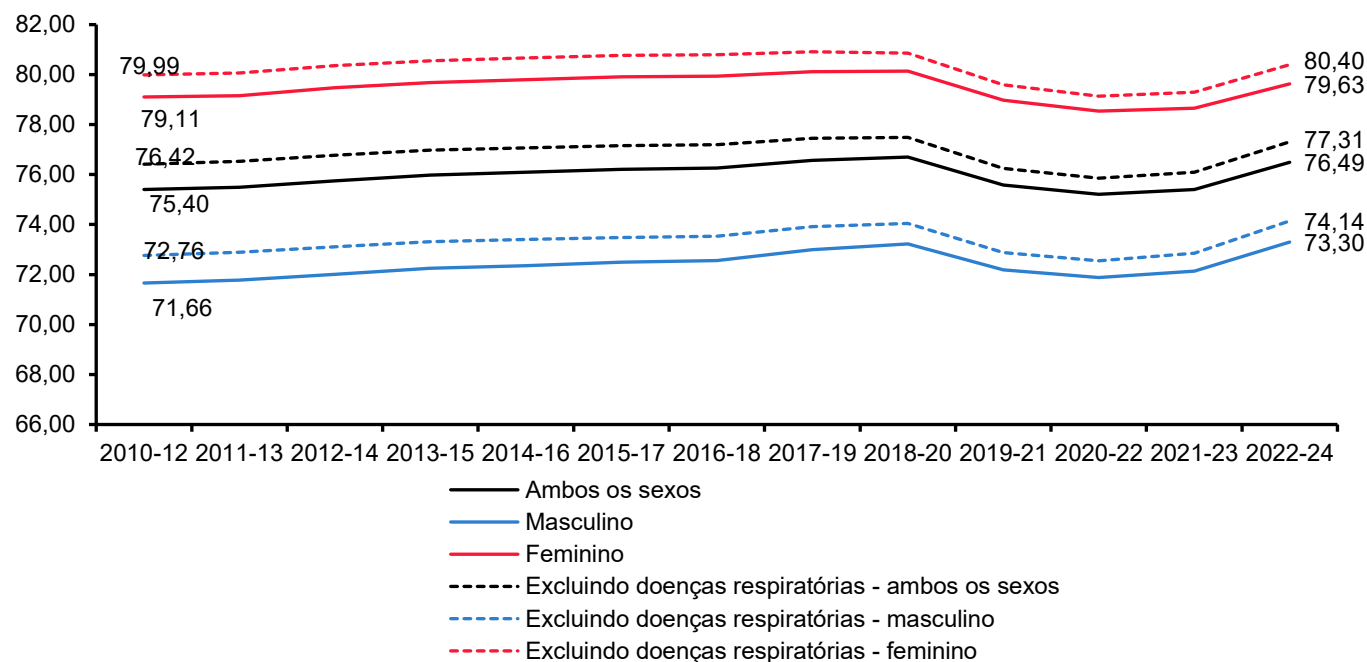
Diferenças entre as expectativas de vida ao nascer, em anos, com e sem óbitos por doenças respiratórias, para ambos os sexos e por sexo, no Rio Grande do Sul — 2010-24



Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).

Gráfico 20

Expectativas de vida ao nascer, em anos, com e sem óbitos por doenças respiratórias, para ambos os sexos e por sexo, no Rio Grande do Sul — 2010-24



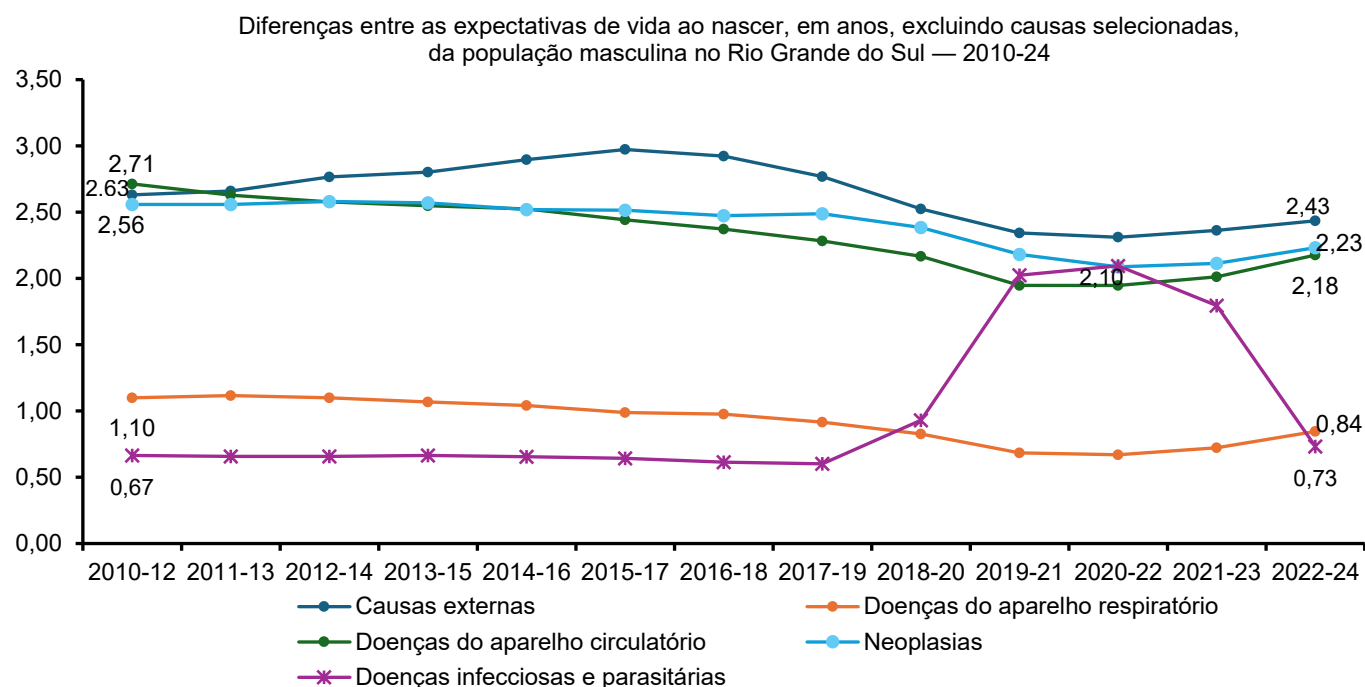
Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).

Por fim, os Gráficos 21 e 22 abaixo revelam a evolução da importância das principais causas de morte na expectativa de vida ao nascer, por sexo, indicando o número de anos perdidos nesse indicador, se cada causa fosse eliminada. Para os homens, no período analisado, os óbitos por causas externas



apresentaram sempre a maior diferença, com exceção de 2010-2012, quando as doenças do aparelho circulatório ocuparam a primeira colocação. No último período analisado, 2022-2024, a diferença para óbitos por causas externas era de 2,43, por neoplasias, 2,23, por doenças do aparelho circulatório, 2,18, por doenças do aparelho respiratório, 0,84 e por doenças infecciosas e parasitárias, 0,73. Deve-se ressaltar que os óbitos por doenças infecciosas apresentaram o maior valor da série da população masculina em 2020-2022, quando a diferença foi de 2,10 anos. Para as mulheres, as mortes por neoplasias estão sempre em primeiro lugar, com diferença de 2,28 em 2022-24, seguidas de óbitos por doenças do aparelho circulatório, 1,65, por doenças do aparelho respiratório, 0,77, por causas externas, 0,63 anos e por doenças infecciosas e parasitárias, 0,57. Para as mulheres, as doenças infecciosas e parasitárias apresentaram a segunda maior diferença no período de 2019 a 2022.

Gráfico 21

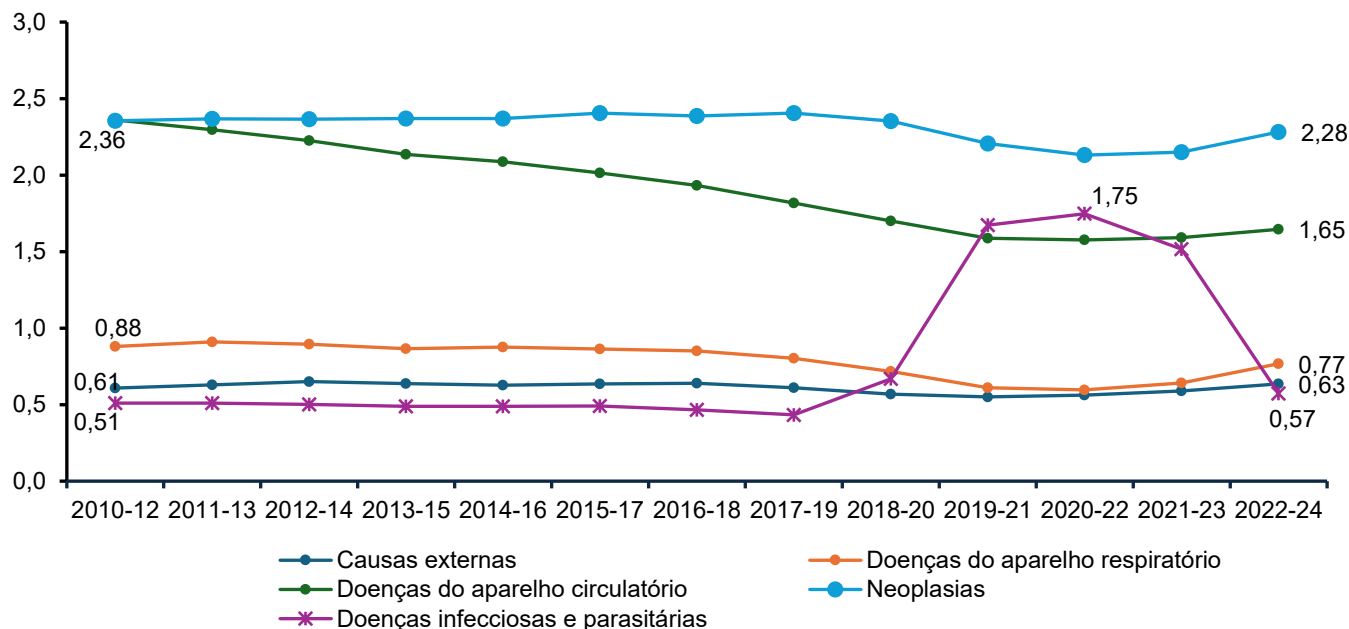


Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).



Gráfico 22

Diferenças entre as expectativas de vida ao nascer, em anos, excluindo causas selecionadas, da população feminina no Rio Grande do Sul — 2010-24

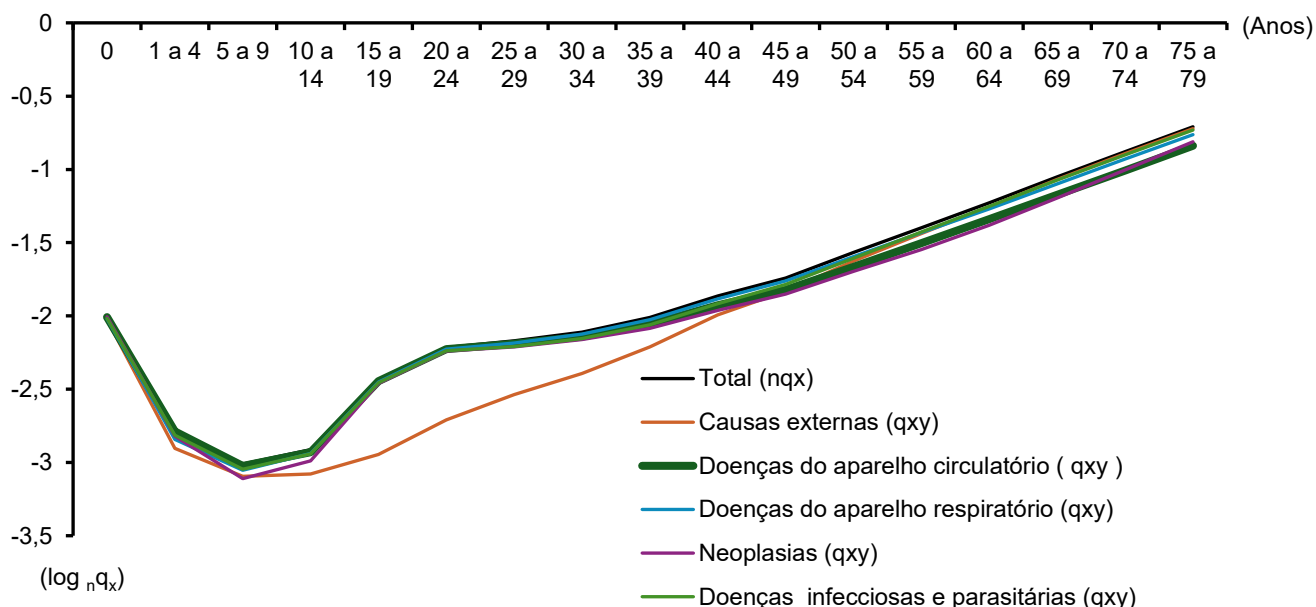


Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).

As probabilidades de morte, totais e excluindo cada causa de morte, por idade e sexo, para o período 2022-2024, revelam a grande influência dos óbitos por causas externas entre os jovens, principalmente do sexo masculino (Gráficos 23 a 25).

Gráfico 23

Probabilidades de morte (nq_x), totais e excluindo causas selecionadas, por faixa etária, da população total do Rio Grande do Sul — 2022-24

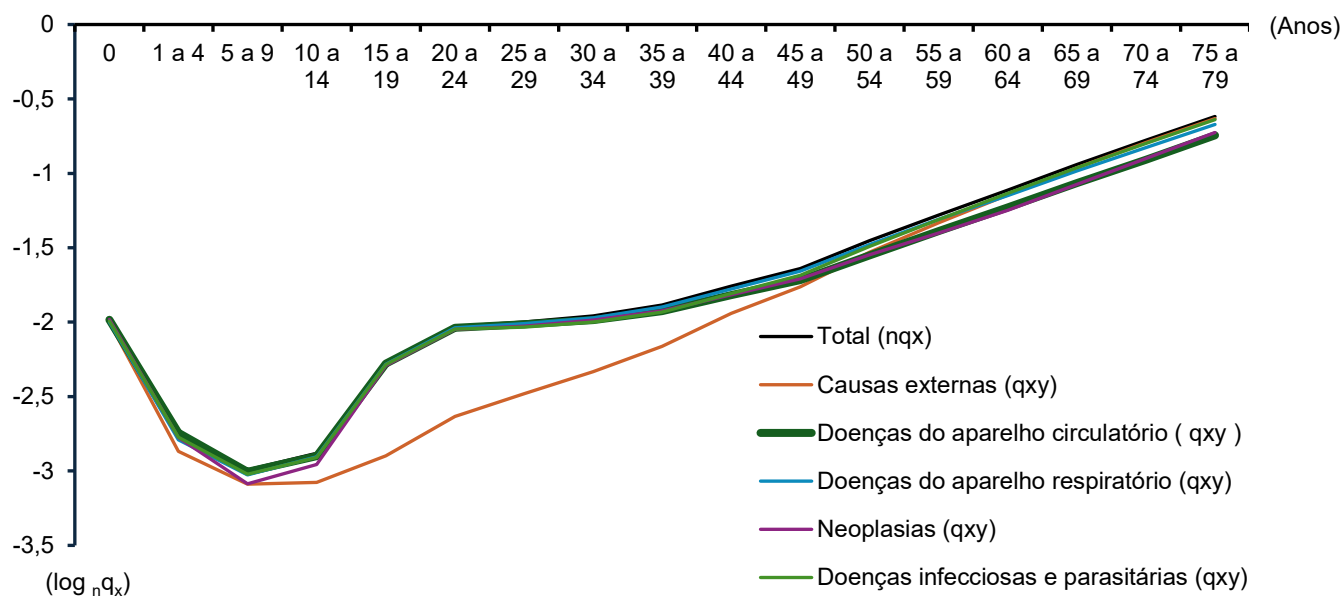


Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).



Gráfico 24

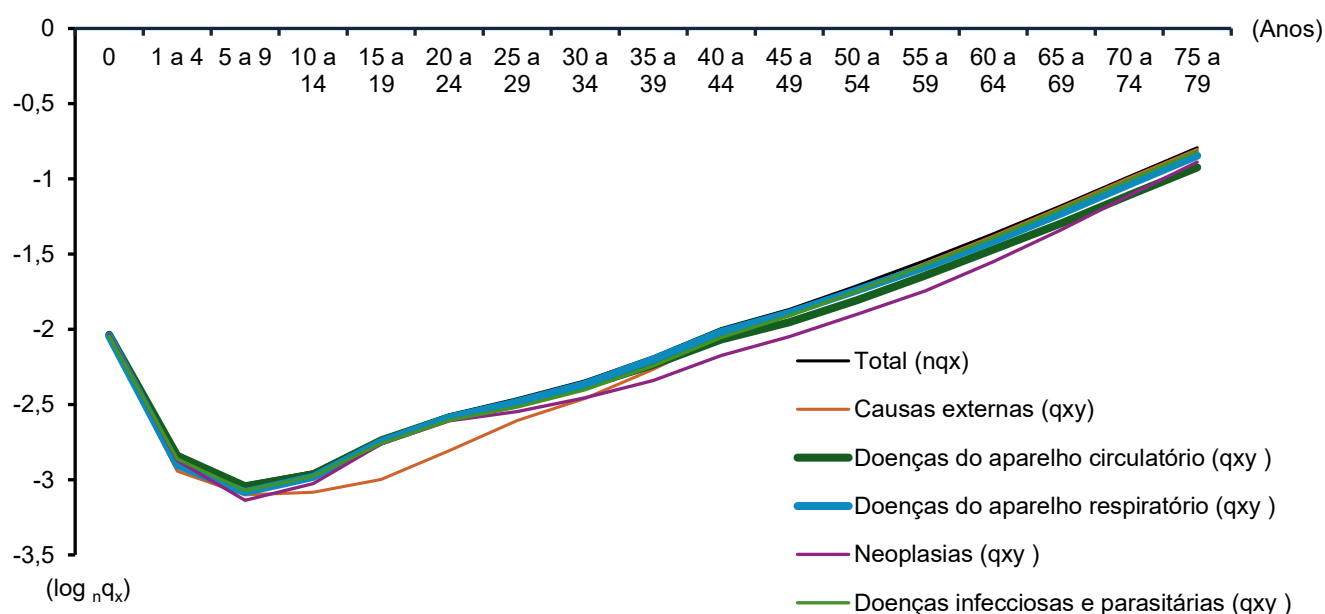
Probabilidades de morte, totais e excluindo causas selecionadas, por faixa etária, da população masculina, no Rio Grande do Sul — 2022-24



Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).

Gráfico 25

Probabilidades de morte, totais e excluindo causas selecionadas, por faixa etária, da população feminina, no Rio Grande do Sul — 2022-24



Fonte dos dados brutos: Brasil (2026).
IBGE (2024).



3 Considerações finais

Tendo em vista a divulgação dos resultados do Censo Demográfico 2022 e, consequentemente, das novas projeções populacionais, destaca-se o crescente envelhecimento da população gaúcha. No período analisado, de 2000 a 2024, a população com 60 anos ou mais de idade dobrou, passando de 1,1 milhão para 2,3 milhões, representando 10,6% da população em 2000 e 20,6% em 2024. Por outro lado, a população com menos de 15 anos teve seu contingente reduzido em 676 mil pessoas: em 2000, era pouco mais de 25,0% da população gaúcha; em 2024, é apenas 17,7%.

São dois os fatores principais que contribuem para esse fenômeno: os níveis de fecundidade e os de mortalidade. Dados divulgados pelo IBGE relativos ao Censo Demográfico 2022 indicam que a taxa de fecundidade total no estado, que representa o número médio de filhos por mulher, era de 1,44 filhos, bem abaixo do nível de reposição populacional, que é de cerca de 2,1. Por outro lado, as estimativas feitas no presente estudo indicam que a expectativa de vida ao nascer dos gaúchos apresentou uma tendência de aumento de 2000 a 2020, quando passou de 73,51 para 76,70 anos, mas que esse crescimento foi interrompido devido aos óbitos decorrentes da pandemia de COVID-19. Já no penúltimo triênio analisado, de 2021 a 2023, houve indícios de recuperação de crescimento, pois esse indicador registrou 75,40 anos, mesmo patamar em que se encontrava há 10 anos, em 2010-2012. De fato, em 2022-2024, há uma confirmação dessa tendência de aumento, com o acréscimo de mais de um ano na expectativa de vida ao nascer da população gaúcha, que alcançou 76,49 anos.

Observa-se que, desde o início da série analisada, a principal causa de mortalidade dos gaúchos eram as doenças do aparelho circulatório. Esse grupo de causas perdeu a primeira posição no período 2020-2022, quando as doenças infecciosas e parasitárias — grupo que inclui a COVID-19 — assumiram a liderança. No período analisado, há também uma tendência de diminuição da diferença relativa às expectativas de vida ao nascer entre o sexo feminino e o masculino, que passou de cerca de 8 anos em 2000-2002 a 6,3 em 2022-2024. Destaca-se que contribui para essa diferença a incidência maior de óbitos violentos entre a população jovem masculina. Para dimensionar a magnitude dessa influência, se esses óbitos por causas externas (óbitos violentos, como homicídios, suicídios, afogamentos, acidentes de transporte, etc.) fossem eliminados, a expectativa de vida ao nascer dos homens aumentaria em 2,43 anos no período 2022-2024, enquanto a da população feminina seria acrescida de apenas 0,63 anos. No auge da pandemia de COVID-19, no período 2020-2022, a eliminação de doenças infecciosas e parasitárias resultaria num aumento de 1,96 anos na expectativa de vida ao nascer da população gaúcha.

Os resultados analisados contribuem para compreender melhor os desafios da acelerada transição demográfica do Rio Grande do Sul. O aumento do contingente de idosos e a redução de jovens indicam a necessidade de ações rápidas do governo. Além disso, o perfil da mortalidade revela aspectos que merecem atenção, como os óbitos por causas externas, que levam a uma perda precoce de vidas, afetando a sociedade em vários níveis. Este estudo sugere que é necessário intensificar políticas públicas que apoiem o envelhecimento ativo, melhorem as redes de apoio e cuidado e reduzam a morte de jovens por causas que podem ser evitadas. Um planejamento de longo prazo é essencial para aliviar a pressão na saúde e na previdência, garantindo qualidade de vida e crescimento econômico para todas as gerações.



Referências

BANDEIRA, M. D. Ganhos potenciais em expectativa de vida, no Rio Grande do Sul, em 2005, relativos aos óbitos por causas externas: tábuas de vida de múltiplo decremento. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 151-168, 2007.

BANDEIRA, M. D. Tábuas de mortalidade para o RS no período 2002-13: estimativas da expectativa de vida e probabilidades de morte baseadas em simulações sobre os óbitos por causas externas. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 63-78, 2016.

BANDEIRA, M. D. **Estimativas para a expectativa de vida ao nascer no RS e nos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) — 2010-18**. Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão, Departamento de Economia e Estatística, 2020a. (Nota Técnica, n. 18).

BANDEIRA, M. D. **Expectativa de vida ao nascer**: diferenciais de mortalidade, por sexo e causa, no Rio Grande do Sul — 2010-18. Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão, Departamento de Economia e Estatística, 2020b. (Nota Técnica, n. 28).

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Informática do SUS (Datasus). **Informações de saúde (TABNET)**: estatísticas vitais. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2026. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sim/cnv/obt10rs.def>. Acesso em: 17 abr. 2026.

CARVALHO, J. A. M. *et al.* **Introdução a alguns conceitos básicos e medidas em demografia**. Belo Horizonte: ABEP, 1994. (Textos didáticos, 1).

IBGE. **Projeções da população do Brasil e unidades da Federação: 2000–2070 (Revisão 2024)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html>. Acesso em: 15 abr. 2026.



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (SPGG-RS)

Secretária: Danielle Calazans

Subsecretaria de Planejamento

Subsecretária: Carolina Mór Scarparo

Departamento de Economia e Estatística (DEE)

Diretor: Tomás Pinheiro Fiori

Chefe da Divisão de Políticas Sociais: Ricardo César Gadelha de Oliveira Júnior

Revisão técnica: Pedro Tonon Zuanazzi

Revisão de língua portuguesa: Elen Azambuja